



Machado, D. I.*

* Bacharel em Física, Professor do IIPC e Pesquisador do CEAEC.

Unitermos

Conhecimento
Consciência
Evolução

Key-words

Consciousness
Evolution
Knowledge

O Conhecimento na Multidimensionalidade

Knowledge within Multidimensionality

Resumo:

A partir de considerações sobre as questões básicas da teoria do conhecimento, são estabelecidas abordagens sobre o conhecimento na multidimensionalidade, analisando possíveis relações com as manifestações da consciência e o seu processo evolutivo. São avaliadas as questões da possibilidade do conhecimento, da origem do conhecimento, da essência do conhecimento, das formas do conhecimento e do critério da verdade.

Abstract:

Considering the basic questions of the theory of knowledge, approaches to the knowledge within multidimensionality are established, analyzing its possible relations with the manifestations of consciousness and its evolutionary process. The questions of the possibility of knowledge, the essence of knowledge, the kinds of knowledge and the criterion of truth are evaluated.

1. Introdução

Dentre os princípios fundamentais da Conscienciologia, temos o da evolutividade, segundo o qual a **consciência** tende a se aperfeiçoar ao longo das sucessivas **seriéxis** ou séries existenciais, aumentando sua auto-organização, autoconhecimento e possibilidades de manifestação.

Este incremento do nível de auto-organização e complexidade é compatível com a teoria da informação, na qual a informação é situada por alguns pesquisadores como um elemento fundamental para a interpretação da natureza, juntamente com os conceitos de matéria e energia. Segundo Campbell¹, enquanto o conceito de entropia está associado à tendência de todas as coisas do universo físico se tornarem menos organizadas no curso natural dos eventos, o de informação mostra que pode haver alguma ordem em meio ao caos, oferecendo diversas possibilidades para a compreensão de sistemas complexos que tendem a se auto-organizar com o tempo, dos quais um exemplo relevante são os seres vivos. A informação aparece como um agente ativo associado à ordem e à regularidade presente em sistemas diversos.

Na Conscienciologia, esta capacidade de auto-organização é um atributo da consciência, que possui os meios para, através da vontade, tornar-se cada vez mais sofisticada ao longo do tempo. Nos fundamentos desta ciência, a evolução seria algo inerente à consciência, que

é de natureza não-física, transcendendo os limites da matéria e da energia. A idéia de informação, presente nas ciências convencionais e que pode ser descrita matematicamente, aparece como um elemento que oferece novas perspectivas para uma compreensão mais profunda da relação entre a consciência e os seus veículos de manifestação, incluindo o corpo físico ou biológico, e também sua relação com a **dimensão intrafísica**. Desta forma, é compatível com a possibilidade de auto-organização ligada tanto à parte física dos seres vivos, como à consciência imaterial em si, figurando como um elo comum de ligação entre ambos.

Podemos entender a evolução da consciência de modo relacionado ao aumento gradativo e contínuo de conhecimentos por parte da mesma, englobando o universo exterior (macrocosmos) e o interior (microcosmos). Examinaremos a questão do conhecimento, procurando entendê-lo em seus fundamentos e a maneira como ele pode ser adquirido, elaborado e ampliado. A análise será realizada sob o enfoque do **Paradigma Consciencial**, considerando, portanto, as manifestações da consciência em múltiplas dimensões além da dimensão física (**multidimensionalidade**); em outros veículos ou corpos além do físico (**holossomaticidade**); ao longo de diversas vidas com **somas** ou corpos físicos distintos (**serialidade**); e com as percepções ampliadas além dos sentidos básicos (**parapsiquismo**).

2. A Questão do Conhecimento

Conforme a Filosofia, Hessen² apresenta o conhecimento como uma relação entre o sujeito e o objeto, que permanecem nela distintos um do outro permanentemente. O papel do sujeito é apreender o objeto, e o do objeto é ser apreendido pelo sujeito. No ato de conhecer, o sujeito sai de sua esfera e adentra na esfera do objeto, recolhendo as propriedades dele e, em função deste conhecimento, o sujeito se altera. No estudo da consciência, o conhecimento representa a saída de seu isolamento, em que esta interage com o universo, com outras consciências e consigo mesma, enriquecendo seu microuniverso consciencial e evoluindo em função do conhecimento incorporado. A aquisição do conhecimento, ao gerar transformação, pode ser interpretada como uma crise de crescimento, desencadeando reflexões e revisões de posicionamentos, o que em certos casos de mudança pessoal de posturas pode gerar algum estresse. Na Conscienciologia, a consciência é objeto de pesquisa de si mesma, adotando um paradigma em que a **projeção consciente** e o parapsiquismo são instrumentos de investigação para se avançar no conhecimento.

A Filosofia considera objetos reais, que são aqueles dados pela experiência externa ou interna, ou que dela se infere, e também objetos ideais, que se apresentam como irrealis, ou meramente pensados. Com o acúmulo de experiências e observações, a Projeciologia propôs a hipótese do corpo objetivo, a qual considera que o veículo que possibilita deixar o corpo físico com lucidez na projeção consciente ou experiência fora-do-corpo possui uma natureza real, mas de ordem extrafísica. De forma semelhante, as dimensões mais sutis, distintas da física, em que a consciência pode se manifestar e a própria consciência, também são objetos reais, podendo ser constatados através da experiência direta de inúmeros pesquisadores da consciência, com a produção da projeção consciente e o emprego do parapsiquismo.

Na teoria do conhecimento, disciplina filosófica que investiga os pressupostos mais gerais do conhecimento científico, com referência a objetos, encontram-se cinco problemas principais. Com base na exposição da teoria do conhecimento realizada por Hessen², analisaremos sucintamente algumas das principais soluções para estes problemas, que nos permitem refletir sobre a relação da consciência em evolução com o conhecimento, sem buscarmos ser exaustivos:

1. *A possibilidade do conhecimento humano: pode o sujeito apreender realmente o objeto?*

Este questionamento se faz sobre o fato de haver realmente um contato entre o sujeito e o objeto. Aqui encontramos soluções filosóficas como o *dogmatismo*, o *cepticismo* e o *criticismo*.

O *dogmatismo* é uma posição epistemológica em que este não é realmente um problema, sendo evidente a

apreensão do objeto pelo sujeito cognoscente. Para os dogmáticos, os objetos da percepção e os objetos do pensamento são dados ao sujeito diretamente, sem a função intermediária do conhecimento. Possuem uma confiança plena na razão humana e ignoram, até certo ponto, a própria interferência do sujeito no processo do conhecimento.

Uma posição contrária, o *cepticismo*, considera que o sujeito não pode realmente apreender o objeto, e não é possível o conhecimento, formulando que devemos nos abster de qualquer julgamento. O *cepticismo* observa as influências da personalidade, do aparato perceptivo e da mesologia sobre o conhecimento. Ignora a significação do objeto, que escaparia à apreensão, apontando a razão humana como limitada. O *cepticismo*, quando absoluto, não pode se sustentar, pois afirmar que o conhecimento não é possível já demonstra um conhecimento. Entretanto, ao apontar a dúvida, contribui para o senso crítico diante dos problemas que surgem, na busca de respostas satisfatórias às indagações.

O *criticismo* adota uma posição intermediária entre o dogmatismo e o cepticismo, confiando na razão humana para aquisição do conhecimento, examinando todas as afirmações desta razão de modo reflexivo e crítico, na busca da certeza, reconhecendo também um limite ao poder do conhecimento humano.

Destas considerações, verificamos a importância da dúvida no sentido de um questionamento constante, em todas as vivências, sejam intrafísicas ou extrafísicas, opondo-se aos preconceitos, superstições, crenças, apriorismos, tabus, mitos, dogmas e sacralizações, como uma postura madura pela consciência, possibilitando maior contato com a realidade multidimensional. Observamos que a verdade é relativa, pois sua busca é realizada de modo permanente, sendo necessário a reflexão e o senso crítico para o aperfeiçoamento gradativo do teor de nossos conhecimentos. Embora possamos ter conhecimentos que ampliem nossa compreensão do mundo e nos levem a aplicações positivas para nossa existência e para a evolução, muito existe ainda por conhecer.

Na possibilidade do conhecimento, um fator que pode influenciar é a afinidade ou *rappor*t com o objeto do conhecimento. Este é um fator que influencia muitos fenômenos parapsíquicos, parecendo indicar a necessidade de se estabelecer uma sintonia entre o parapsíquico e aquilo que ele busca conhecer, para que o conhecimento seja possível. Encontramos indicativos disto quando analisamos, por exemplo, a influência da afinidade entre uma **consciex** e uma **conscin** para que a comunicação entre ambas se processe mais intensamente, mesmo que a relação não seja positiva. Nas experiências projetivas em que o projetor utiliza um alvo mental, os resultados fornecem indicativos de que há maior sucesso em se alcançar o objetivo, seja ele um objeto, um local, um indivíduo, ou o entendimento de uma idéia, quando há

maior afinidade do projetor com seus alvos mentais. Também nos deparamos com algo semelhante, quando buscamos compreender o processo de leitura energética com o heterodiagnóstico de um parapsíquico em relação a outrem, efetuado através da intenção voluntária de aumentar o *rapport* para intensificar o acoplamento energético e a sintonia, permitindo então a sondagem parapsíquica mais eficaz.

2. *A origem do conhecimento: é a razão ou a experiência a fonte e a base do conhecimento humano?*

Como posições filosóficas temos aqui o *racionalismo*, o *empirismo*, o *intelectualismo* e o *apriorismo*.

O *racionalismo* considera que todo o conhecimento verdadeiro se baseia no pensamento ou na razão, como no caso da matemática, em que a partir de alguns conceitos e axiomas são deduzidos os conhecimentos, segundo as leis do pensamento, independentemente da experiência. O termo conhecimento aplica-se quando este é logicamente necessário e universalmente válido, ou seja, quando a razão considera que algo deve necessariamente ser de uma forma, válida sempre e em todas as partes. No racionalismo encontramos a teoria das idéias inatas, segundo a qual os conceitos mais importantes e fundamentais do conhecimento nos são inatos, e não procedem da experiência, sendo patrimônio da razão.

O *empirismo* é oposto ao racionalismo, considerando que a única fonte do conhecimento humano é a experiência. Segundo o *empirismo*, todos os nossos conceitos procedem da experiência e o sujeito é como uma folha em branco onde a experiência escreve.

O *intelectualismo* e o *apriorismo* consideram que tanto o pensamento como a experiência participam da formação do conhecimento. Ambas as posições sustentam que há juízos logicamente necessários e universalmente válidos sobre objetos ideais e sobre objetos reais. Mas para a primeira, os conceitos são derivados da experiência, não sendo um patrimônio *a priori* da razão, com os objetos apresentando um núcleo essencial e racional que pode ser extraído pelo sujeito. Para a segunda, o nosso conhecimento possui elementos *a priori*, os conceitos, que derivam do pensamento de modo independente da experiência, sendo formas às quais os conteúdos obtidos com a experiência amoldam-se.

Concluimos, então, que tanto a experiência como a razão ou pensamento são importantes no processo de aquisição do conhecimento. Através da experiência pessoal, pode-se entrar em interação efetiva com elementos que provém da realidade, mas é necessário a elaboração do pensamento, o uso do discernimento, para que se possa chegar à compreensão e entendimento daquelas vivências. Isto se aplica ao caso das experiências multidimensionais, que adquirem relevância maior quando, pela aplicação do pensamento e do discernimento,

compreende-se o seu real significado, possibilitando conclusões e generalizações sobre a realidade multidimensional. Apenas o fato de se ter experiências extrafísicas não implica necessariamente que estas estejam sendo bem aproveitadas ou compreendidas.

No caso da *cosmoética*, associada a princípios pessoais de conduta, a relação entre razão e experiência também se faz presente. Com a experiência é possível chegar a princípios gerais lógicos e universais significativos sobre os quais basear a ação na multidimensionalidade, de modo a se obter resultados evolutivos mais positivos a favor de todas as consciências.

Ao considerarmos os estudos a respeito dos cursos intermissivos, os quais indicam que muitas consciências estudam antes de sua próxima existência na dimensão intrafísica, preparando-se para as atividades evolutivas que irão desempenhar, constatamos a existência de consciências que renascem com um conjunto de conhecimentos prévios considerável. Estes conhecimentos, acumulados durante múltiplas *seriéxis*, influenciam o desempenho da consciência intrafísica e o seu processo de aquisição de conhecimento. Um indivíduo que apresente um bom senso ou discernimento acima da média, pode estar refletindo uma atributo desenvolvido ao longo de muitas existências.

3. *A essência do conhecimento humano: é o objeto que determina o sujeito, conduzindo-se o sujeito receptivamente, ou é o sujeito que determina o objeto, ativa e espontaneamente?*

Para esta pergunta surgem diversas posições possíveis: o *objetivismo*, o *subjetivismo*, o *realismo*, o *idealismo*, o *fenomenalismo*, o *monismo panteísta* e o *dualismo teísta*.

O *objetivismo* considera que o objeto determina o sujeito, de forma que o sujeito reproduz em si as propriedades do objeto, reconstruindo a estrutura totalmente definida que este apresenta.

No *subjetivismo* tem-se que o sujeito determina o objeto, por meio de um conjunto de leis e conceitos superiores do conhecimento.

O *realismo* é uma posição segundo a qual há coisas reais independentes da consciência. A sua vertente crítica, considera necessário supor nas coisas certos elementos objetivos e causais, que permitam entender as propriedades que são apreendidas através dos sentidos, diferenciando as propriedades reais dos objetos daquelas associadas aos sentidos.

Para o *idealismo* não existem coisas reais, independentes da consciência. No idealismo psicológico os objetos são somente parte de nossa consciência, que é a única realidade, existindo enquanto são apercebidos. No idealismo lógico os objetos são reduzidos a elementos lógicos, ideais, produtos do pensamento, e a realidade corresponde a conceitos. Uma crítica feita ao idealismo é que, o ser humano, sendo também um ser de

vontade e ação, depara-se em seus desejos com resistências, o que indica a existência do mundo exterior.

O *fenomenalismo* procura realizar a conciliação entre o realismo e o idealismo, considerando que não podemos conhecer as coisas como são realmente, mas somente sua aparência. Limita o conhecimento ao que existe na consciência, devido à organização *a priori* desta, em relação à qual o material dos sentidos é ordenado e elaborado. Uma crítica feita ao fenomenalismo é que o material das sensações deve possuir alguma organização também, devendo ter uma base objetiva para que a consciência possa associar algum conceito que ordene este material.

Dentre as soluções que remontam ao princípio mais fundamental da realidade, o absoluto, temos a *monista e panteísta*, que concebe a unidade entre o sujeito e o objeto, ou o pensamento e as coisas, considerando ambos como aspectos de uma mesma realidade.

No caso da solução *dualista e teísta*, a dualidade entre o sujeito e o objeto não é algo definitivo, considerando que a causa criadora do universo coordenou o reino ideal e o real de forma a haver uma concordância e harmonia entre o pensamento e o existente.

Relacionado à determinação da realidade pelo sujeito ou pelo objeto no processo do conhecimento, observamos que nas experiências extrafísicas, que possibilitam um conhecimento multidimensional, as **dimensões extrafísicas** parecem refletir, muitas vezes, os estados íntimos das consciências extrafísicas que nelas se encontram, o que pode indicar uma determinação desta realidade pela própria consciência. Estas dimensões, no entanto, embora reflitam estes estados internos, parecem ter algo de realidade objetiva, pois podem ser percebidas por outras consciências que ali se projetam em determinadas circunstâncias e, no caso do **psicossoma**, podem até mesmo oferecer resistência ao se tentar atravessá-las. Pode-se questionar, então, sobre qual a real ligação entre a consciência e os objetos exteriores, e se este fato não está associado a uma união íntima da consciência com a realidade que vivencia, de modo que as variações no microuniverso consciencial estejam associadas à instabilidade das dimensões relacionadas a este microuniverso.

Ao considerarmos as relações entre o que a consciência percebe e a realidade que esta efetivamente deseja conhecer, podemos observar que, embora suas percepções possam sofrer múltiplas influências, variando conforme o veículo de manifestação utilizado, sofrendo as restrições das dimensões em que a consciência se manifesta e os efeitos de seus estados íntimos, parece haver uma base comum entre o que se percebe e a realidade. Esta base pode ser a organização do mundo exterior ou das próprias consciências, possibilitando a apreensão da mesma realidade por diversas consciências, que pode ser compartilhada, possibilitando um consenso sobre esta

realidade.

A abordagem sobre o que pode perceber ou acessar o projetor quando em uma dimensão extrafísica, indica a influência que suas idéias preconcebidas e sua formação cultural podem exercer sobre suas percepções, pois em muitos casos o projetor somente visualiza aquilo que deseja, no sentido de que acaba se fechando em um mundo próprio, sem acessar novas idéias ou experiências.

As duas últimas considerações mostram também a influência do sujeito na determinação do conhecimento, ou na maneira como este organiza os elementos daquilo que percebe, em que entram dentre outros aspectos, seu acervo de conhecimentos já existentes, suas inteligências, e suas possibilidades de percepção, influenciadas por diversos fatores de ordem interna ou externa.

4. *As formas do conhecimento humano*: além do conhecimento racional, há um conhecimento intuitivo?

Na apreensão do conhecimento pode-se identificar um modo racional, mediato ou discursivo, em que o indivíduo precisa realizar uma série de operações intelectuais. Também se pode considerar a existência de um conhecimento intuitivo, em que o objeto é apreendido de modo imediato, sem necessidade da intermediação da razão, de modo análogo a uma visão.

Wilber³ relaciona o problema das formas do conhecimento humano com a questão da dualidade ou unidade de sujeito e objeto. Considera que a visão dualista que faz a divisão entre o sujeito e objeto no processo do conhecimento como limitada, pois a pesquisa em que nos dividimos em uma parte que observa, e outra que é observada, acaba por deixar algo de fora, de forma análoga a um olho que pode contemplar a tudo menos a si mesmo, o que traria dificuldades no aprofundamento do conhecimento.

Este posicionamento é compartilhado por Schrödinger e Heisenberg³, que tiveram participação fundamental no estabelecimento da mecânica quântica, os quais também consideram a visão dualística sujeito-objeto como insustentável. O *Princípio da Incerteza* formulado por Heisenberg, segundo o qual não se pode conhecer simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula como o elétron, está associado ao fato de que, por exemplo, qualquer tentativa de medida da velocidade do elétron, acarreta mudança imediata em sua posição e vice-versa. Isto não decorre meramente de um problema técnico. É algo presente na descrição do universo fornecido pela mecânica quântica, que pode ser relacionado à visão dualística, que limita aquilo que pode ser conhecido. Este fato parece indicar que o observador interfere diretamente no fenômeno observado, e que sujeito e objeto se encontram intimamente unidos.

Com estas considerações, Wilber argumenta que a separação entre sujeito e objeto é apenas ilusória. Tem-se então, que o conhecimento dualístico, simbólico, analítico

e abstrato possibilita apenas uma visão parcial da realidade, consistindo em uma representação do mundo, mas que não é idêntico à realidade concreta em si, da mesma forma que um mapa apenas representa uma determinada localidade. No enfoque dualístico, o conhecimento ocorre com o sujeito ligando-se ao objeto através de uma cadeia externa de intermediários físicos ou mentais. Na concepção não-dualística, sujeito e objeto, ou conteúdo mental e objeto são idênticos, e o conhecimento é imediato, através da intuição, fornecendo a possibilidade do contato direto com a realidade.³

Consideramos que a intuição seja um modo mais avançado de se chegar ao conhecimento da realidade, em que o sujeito se torna uno com seu objeto. Na cosmoconsciência ou experiência de consciência cósmica, a consciência que se projeta pelo **mentalsoma** tem a sensação de unidade com o universo, percebendo toda a sua coerência e harmonia, compreendendo de modo imediato toda a cadeia de inter-relações existentes entre seus componentes. Entretanto, de forma prática, uma consciência que não tenha ainda avançado muito em seu processo evolutivo não pode dispensar o conhecimento obtido através de conceitos e pelo raciocínio abstrato, que lhe permite obter conclusões sobre as experiências e aprimorar o discernimento e senso crítico.

5. *O critério da verdade*: qual o critério que nos diz, concretamente, se um conhecimento é ou não verdadeiro?

Um conceito de verdade considera a concordância do conteúdo do pensamento com o objeto. Ao se considerar o realismo, a noção de verdade se assenta sobre este conceito, pois é considerada a relação com objetos reais. O racionalismo considera que somente através dos sentidos não se pode alcançar a verdade, sendo necessária a atuação da razão como fonte da verdade.

Para o conhecimento intuitivo, o critério de verdade, ou a maneira de saber se há a concordância entre pensamento e objeto, baseia-se na evidência, certeza imediata ou auto-certeza diante de um conhecimento, sem que aqui entrem as funções do pensamento. Mas neste caso, não se tem uma validade universal.

Outro conceito de verdade se refere à concordância do pensamento consigo mesmo, coincidindo com a correção lógica, em que uma avaliação é considerada verdadeira se é formada segundo as leis do pensamento. No idealismo ou no fenomenalismo, toma-se este segundo conceito para definir o que é a verdade, pois só se considera o conhecimento em relação ao que existe a nível do pensamento. O critério de verdade, ou como podemos conhecer a concordância do pensamento consigo mesmo, neste caso, é a ausência de contradição em nosso pensamento. Este critério é válido na esfera das ciências formais ou ideais, como a matemática.

Enquanto o cepticismo rigoroso não admite a

possibilidade de um conhecimento verdadeiro, suas formas *subjetivismo* e *relativismo* consideram que há a verdade, mas limitada ao sujeito, no primeiro caso, ou a um determinado círculo cultural, no segundo. Embora as condições holossomáticas em que se encontra o indivíduo, assim como sua formação cultural exerçam influência sobre o processo do conhecimento, se for considerado como verdade a expressão da concordância entre um juízo e a realidade, estas concepções implicam em contradição, pois a verdade não pode ser limitada a um número restrito de indivíduos.

Uma variedade de cepticismo, o *pragmatismo*, substitui o conceito de verdade enquanto concordância entre o pensamento e a realidade, abandonado nas outras modalidades do cepticismo, considerando como verdadeiro o que é útil, valioso, fomentador da vida. Desconsidera a autonomia do pensamento, tomando-o simplesmente em função da vida. Embora neste enfoque possa haver uma confusão entre os conceitos de verdade e de utilidade, é interessante considerar, segundo este critério, o que seria um conhecimento válido ou verdadeiro na pesquisa da consciência. Se tomarmos como verdadeiro aquilo que fomenta a evolução, temos o caráter assistencial, altruísta, universalista e cosmoético como critérios de validade do conhecimento conscienciológico.

Na correspondência entre pensamento e objeto de estudo, verifica-se que, em geral, conhecemos apenas uma ou poucas facetas do objeto, de forma que há verdades que podem ser consideradas parciais, e o quadro mais completo do objeto aparece com o aprofundamento das investigações. Por isto, fica difícil, em muitas circunstâncias, a compreensão profunda do contexto em que uma determinada consciência se encontra, pois pode haver fatores que ainda não estão sendo contemplados na análise, como suas experiências de vidas pretéritas e extrafísicas, ou mesmo seu real nível de maturidade, que em uma condição mais livre, de consciência extrafísica, pode ser maior que o aparente no restringimento da dimensão intrafísica.

Observando o modo como evolui a ciência, concluímos que a verdade é relativa, pois o conhecimento é continuamente aperfeiçoado e ampliado, levando a novas concepções sobre o micro e o macrocosmos. A epistemologia, disciplina que estuda de forma crítica os princípios, hipóteses e resultados das ciências, objetiva determinar os fundamentos lógicos, o valor e o alcance objetivo das mesmas. Segundo Abrantes⁴, uma visão de epistemologia estabelece como um de seus propósitos demonstrar como “uma dada metodologia é o melhor meio de se alcançar a ‘verdade’, ou de promover o ‘progresso científico’”. Para Goldman⁴, a epistemologia possui um papel avaliador-normativo, visando apreciar a confiabilidade dos nossos processos cognitivos e contribuir para sua regulação de modo a melhorar o desempenho da cognição humana, que possui capacidades

e limitações específicas.

Na avaliação epistemológica da ciência Conscienciologia, torna-se necessário considerar a cognição sob uma óptica multidimensional, relacionando as possibilidades e limitações do parapsiquismo da consciência cognoscente, e a forma como a mesma elabora o material percebido, com base nas suas vivências multidimensionais, ao longo de sucessivas existências. Para o aperfeiçoamento do conhecimento multidimensional, adquire importância fundamental a reeducação parapsíquica, em que a consciência desenvolve e aperfeiçoa suas parapercepções, passando a perceber com maior lucidez as várias dimensões com as quais coexistimos.

3. Conclusão

Ao focar o conhecimento de modo multidimensional, são introduzidos inúmeros elementos que ampliam o universo da consciência, ultrapassando as abordagens convencionais que consideram apenas uma única existência restrita ao corpo biológico, em uma dimensão física.

Esta abordagem pode ser estendida a diversas áreas do conhecimento humano, fornecendo maiores possibilidades para o entendimento mais aprofundado da realidade, sobretudo aquela mais íntima, de nossa consciência, através do autoconhecimento que impulsiona a evolução.

Glossário⁵

Consciência. Aquilo que nós somos em essência, além da matéria e energia. Sinônimos: alma, ego, espírito, *self*.

Consciex. Consciência extrafísica. Consciência que passou pela morte biológica, descartando o corpo físico, manifestando-se em dimensões mais sutis que a dimensão física. Sinônimos: desencarnado, espírito.

Conscin. Consciência intrafísica. Consciência que apresenta corpo físico, manifestando-se na dimensão humana ou intrafísica. Sinônimos: encarnado, ser humano.

Cosmoética. Ética ou reflexão sobre a moral cósmica, multidimensional, que define a maturidade global ou holomaturidade, situada além da moral social ou humana.

Dimensão extrafísica. Plano existencial mais sutil que a **dimensão intrafísica** ou material, com a qual coexiste, próprio das **consciexes**.

Dimensão intrafísica. Dimensão humana ou material, em que se manifestam as **conscins**.

Holossomaticidade. Relativo ao holossoma ou conjunto dos veículos de manifestação da consciência, englobando o **soma**, **holochakra**, **psicossoma** e **mentalsoma** no caso da **conscin**.

Holochakra. Paracorpo energético da **conscin**; elo de ligação entre o **psicossoma** e o corpo físico.

Mentalsoma. Corpo mental; o paracorpo do discernimento e da razão da consciência.

Multidimensionalidade. Relativo ao conjunto de dimensões ou planos existenciais que coexistem, nas quais

pode se manifestar a consciência, englobando a **dimensão intrafísica** e as **dimensões extrafísicas**.

Paradigma Consciencial. Teoria-líder da Conscienciologia fundamentada na própria consciência.

Parapsiquismo. Conjunto das percepções que transcendem os cinco sentidos básicos e possibilitam a percepção da multidimensionalidade.

Psicossoma. Paracorpo emocional da consciência, de natureza não física.

Projeção Consciente (PC). Experiência em que a consciência sente-se fora do próprio corpo de forma lúcida, utilizando um veículo mais sutil, que pode ser o **psicossoma** ou o **mentalsoma**. Sinônimos: desdobramento; experiência fora-do-corpo; out-of-the-body experience; projeção astral; viagem astral.

Serialidade. Qualidade da consciência sujeita às seriéxis.

Seriéxis. 1. Conjunto de vidas sucessivas ou renascimentos intrafísicos em série. 2. Vida humana ou intrafísica. Sinônimo envilecido pelo uso: reencarnação.

Soma. Corpo físico ou biológico, que permite à consciência manifestar-se na **dimensão intrafísica**. Veículo mais denso e rústico para a manifestação da consciência.

Referências Bibliográficas

1. CAMPBELL, J. *Grammatical man*; information, entropy, language, and life. London: Penguin Books, 1983. pp. 16-18.
2. HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. Coimbra: Armênio Amado, 1973. pp. 26, 27, 34-159.
3. WILBER, K. *O espectro da consciência*. São Paulo: Cultrix, 1977. pp. 26, 27, 37, 38, 30-35, 39.
4. ABRANTES, P. Naturalizando a epistemologia. In: _____ *Epistemologia e cognição*. Brasília: Universidade de Brasília, 1993. pp. 199, 182.
5. VIEIRA, W. *700 experimentos da conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, 1994. pp. 46, 47, 50, 53, 54, 56, 58.